

Fim do mundo?

Uma crítica ao pós-tribulacionismo

Na célula Rhema de estudos bíblicos e de profecias que coordeno – e que se reúne [nesta sala virtual](#) do portal Jitsi – um irmão me pediu para comentar um sermão publicado em vídeo, do pastor Hernandes Dias Lopes, da igreja presbiteriana de Pinheiros, em São Paulo. Intitulado “[O Fim do Mundo](#)”, o sermão no vídeo prega a doutrina pós-tribulacionista, enquanto descarta ou ignora as alternativas pré- e meso-tribulacionista.

Tenho buscado estudos ou apresentações que defendam a doutrina pós-tribulacionista com embasamento bíblico coerente e consistente, mas todos que já encontrei até agora me parecem insatisfatórios, esbarrando em falhas lógicas, omissões cruciais, falácias retóricas ou ataques pessoais, invariavelmente envolvendo o capítulo 20 de Apocalipse. Assim, aceitei de bom grado a tarefa, ainda mais por se tratar de um pastor que ministra numa das mais tradicionais igrejas evangélicas do Brasil. Será que tal sermão poderia vir a ser uma primeira exceção, uma apresentação a meu ver satisfatória da doutrina pós-tribulacionista? Vejamos juntos:


5m25s – Aos 5 minutos e 25 segundos do vídeo, Lopes propõe discorrer sobre “*alguns aspectos do fim do mundo*”, começando por “*atos marcantes do tempo do fim*”, a partir da leitura (em **5m47s**) de Dn 12:1 na versão Almeida Revisada e Atualizada (ARA). Em seguida, referindo-se às primeiras palavras do versículo lido, Lopes começa: “Quando diz ‘*nesse tempo*’...”, e propõe determinar esse período de tempo.

Para seguirmos seu raciocínio, convém começarmos pela leitura de todo o versículo Dn 12:1. E para apoiar nossa compreensão dessa leitura, listarmos a função exercida por cada uma das ocorrências da palavra “tempo” nessa passagem. Segundo a versão ARA lida no vídeo (linkada abaixo), são quatro as ocorrências.

Nesse tempo₁ se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo; e haverá um tempo₂ de angústia, qual nunca houve, desde que existiu nação até aquele tempo₃. Mas, naquele tempo₄, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. [Dn 12:1](#) (ARA)

Quadro 1: Ocorrências da palavra ‘tempo’ em Dn 12:1 (ARA)		
Na expressão	Referindo-se a	Abrev
Nesse tempo ₁	Período descrito anteriormente, pela visão de Daniel que vai até Dn 11:45a	T1
haverá tempo ₂	Período de tempo posterior a T1 (posterior por motivo lógico*)	T2
até aquele tempo ₃	T1 – excluído T2 por motivo lógico* e gramatical (‘aquele’, e não ‘esse’)	T3
naquele tempo ₄	T1 – excluído T2 por motivo gramatical (‘naquele’, e não ‘nesse’)	T4

[*]- T2 não pode ter interseção com T1 já que a tribulação que define T2 “*nunca houve*” em T1 e nem antes

Quadro 2: Linha do tempo em Dn 12:1			
Antes de T1	T1	[*]	T2
< Início de nações	Período descrito pela visão de Daniel em Dn 11:2-11:45a	...	Grande Tribulação
			

T1: Para definir T1, Lopes aponta o período referente ao “*assunto [que Daniel] vem tratando desde o capítulo 7*”, período este que ele chama (em 6m30s) de “*tempo do levantamento do anticristo*”. À guisa de explicação sobre qual é este assunto, Lopes havia antes dito apenas que o livro de Daniel se divide em duas partes: uma histórica, nos capítulos de 1 a 6, outra profética, nos capítulos de 7 a 12.

Porém, a parte profética descreve mais de uma visão profética, com cenas e personagens possivelmente diferentes e eventos que ocorrem (ou ocorrerão) em tempos distintos, como mostram os dois quadros acima com a restrição [*]. Ou seja, o livro de Daniel narra mais de um tema profético nos capítulos de 7 a 11.

Para entendermos corretamente que período T1 é esse, temos que recorrer à gramática em Dn 12:1. Para a palavra inicial “Nesse”, a gramática pede que busquemos um referente anterior mais próximo, do leitor ou na narrativa, que seja pertinente ao objeto referido (tempo) e ao contexto. Ou seja, neste caso, a última visão profética antes de Dn 12:1. A saber, a visão narrada a partir de Dn 11:2, que termina ao final do capítulo 11. Tal visão descreve, conforme sua introdução pelo mensageiro em Dn 10:14, eventos históricos e políticos que serão importantes para o povo de Daniel em ‘*dias ainda distantes*’.

Então, se considerarmos que tais eventos estão descritos em sequência temporal, como sugere a estrutura da narrativa e as interpretações mais coerentes para as que já teriam se cumprido, o evento que determina o final do período T1 deve ser o último evento antes de Dn 12.1. A saber, o evento descrito em Dn 11:40-45a:

No tempo do fim, o rei do Sul lutará com ele, e o rei do Norte arremeterá contra ele com carros, cavaleiros e com muitos navios, e entrará nas suas terras, e as inundará, e passará. ... Armará as suas tendas palacianas entre os mares contra o glorioso monte santo; mas chegará ao seu fim, e não haverá quem o socorra.
Dn 11:40,45 (ARA)

De fato, essa passagem descreve o que se pode chamar de “*levantamento do anticristo*”, já que narra as lutas por sua consolidação de poder. Em paralelo com Dn 7:24, que prevê a luta do pequeno chifre emergente contra três chifres do quarto animal, rumo ao seu apogeu. Mas há ainda um detalhe: Se consideramos, com base em outras passagens, que a derrota final do anticristo encerra o tempo da Grande Tribulação (T2), então a última frase em Dn 11:45 (*mas chegará ao seu fim*, ...) deve estar além do evento que encerra T1. Pois do contrário, pelo motivo lógico [*] acima, a Grande Tribulação teria que ocorrer depois da 2ª vinda de Cristo.

Mas Lopes, ignorando esse detalhe, ignora também a gramática ao apontar referentes para T1: Depois de juntar todas as visões proféticas no livro de Daniel num só “assunto”, ele escolhe a visão profética mais distante no texto, ao invés da mais próxima, para opinar sobre os limites desse período de tempo T1. Ele escolhe a primeira visão profética de Daniel narrada em seu livro, que contém a imagem dos quatro animais, visão que ocupa todo o capítulo 7 e termina com a derrota final do anticristo. E desta visão, ele destaca o versículo 25 (“*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”) para propor até onde iria T1.

7m06s – Nesse ponto Lopes diz, ainda sobre T1: “*Ainda, veja comigo o capítulo 11 verso 36, a descrição desse tempo*”.

Este rei fará segundo a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero, até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito.
Dn 11:36 (ARA)

Com isso Lopes consolida sua presunção de que duas visões proféticas distintas de Daniel (a de Dn 7 e a de Dn 11) se referem ao mesmo período de tempo T1. Porém, tal presunção se cerca de algumas nuances:

- Os contextos das visões em Dn 7:21-28a e em Dn 11:2-45a (no qual ocorre Dn 11:36, sem incluir o “cumprimento” da indignação) são distintos: O primeiro, o da visão dos quatro animais, descreve eventos num período mais abrangente do que o segundo, o da visão sobre importantes eventos históricos e políticos para o povo de Daniel até Dn 11:45a, já que o primeiro inclui a derrota final do anticristo (em conflito com [*]), e o segundo termina quando o anticristo arma sua tenda entre mares e o monte santo.
- Dn 11:36 contém uma dupla referência: a primeira, atribuída ao rei Antíoco IV (~167 AC), e a segunda, atribuída a quem tal rei servirá como tipo profético (“... *porque aquilo que está determinado*”).

será feito”). Pode-se considerar que o hebraico original não sugere o pronome “este” em traduções (em “*este rei fará conforme a sua vontade...*”, de algumas versões), mas favorece o artigo definido “o” (“*the*” nas [traduções ao inglês](#)). Pois a opção pelo pronome “este” induz confusão entre referente e segunda referência (anticristo), enquanto o artigo “o / *the*” (em “*O rei fará ...*”) admite melhor a dupla referência.

- A visão profética em Dn 11:36 não inclui o citado rei com poder absoluto mundial, como evento histórico; alcança apenas o tipo desse absolutismo, cumprido no evento regional “Antíoco IV”. Tal interpretação é do próprio Jesus Cristo, em Mt 24:15. Ao contrário de Dn 7:21,28a, a leitura de Dn 11:36 no contexto de Dn 12:1 para delimitação de T1 está bem com a gramática; ao passo que, se incluir o período em que o anticristo exercerá poder absoluto, como evento profetizado em Dn 7:25, estaria “forçando a barra”, também por quebrar a sequência temporal do contexto, dificultando sua delimitação.

7m41s – Nesse ponto Lopes tenta, outra vez, expandir artificiosamente o contexto de “*Nesse tempo*” em Dn 12:1 para compor sua definição de T1, seu “tempo do fim”: “... *E agora, veja o capítulo 12 verso 11*”.

Aqui Lopes recorre a mais uma visão profética, esta narrada depois de Dn 12:1. Esta outra visão profética ele depois compara com Ap 13:7-8, para deduzir que o anticristo já exerce poder absoluto no tempo do seu cumprimento. Mas eis que, nesta outra visão, é outro anjo que surge e dialoga com o mensageiro da visão anterior (a de Dn 11:2-45a), com Daniel ouvindo a ambos e intervindo para pedir esclarecimentos:

Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? O homem vestido de linho jurou: ... isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão. Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão. Depois do tempo em que o sacrifício diário for tirado, e posta a abominação desoladora, haverá ainda mil duzentos e noventa dias. Dn 12:6-11 (ARA)

A chave para entendermos essa passagem está no objeto da pergunta inicial, do outro anjo. De que maravilhas ele fala? Os eventos profetizados na visão anterior, narrada em Dn 11:2-45a, que se cumpriram ou se cumprirão ao longo de T1 são eventos trágicos e mundanos, induzidos pela ambição, vaidade e outros traços pecaminosos do caráter humano. Nada maravilhoso, no sentido comum. Pode-se considerar maravilha, no sentido usual, a salvação de “*todo aquele que for achado escrito no livro*”, mas isso já tem seu tempo determinado, T1, definido em Dn 12:1, por referência via T4 aos eventos descritos em Dn 11:2-45a.

T2: É citado em Dn 12:1 um outro período de tempo, este de modo indefinido, pois sem referente (“*haverá um tempo...*”): o tempo T2, da Grande Tribulação, quando haverá angústia como nunca houve antes, desde que houve nação. Porém, como poderiam ser considerados “maravilhas” os eventos aí? Então, pelo visto, talvez a dificuldade para identificarmos o objeto da pergunta do anjo (“*essas maravilhas*”) esteja na tradução. Eis que a expressão original em hebraico (*happeleowt*) deriva de [pele](#), que também quer dizer *inédito, extraordinário, surpreendente, inusitado, espantoso, assombroso, chocante, difícil de entender*.

Algumas traduções modernas ao inglês (*New International Version, New Living Translation, Holman Christian Standard Bible, Contemporary English Version, Good News Translation*) já traduzem *happeleowt* para uma dessas alternativas (ao invés de “maravilhas”). E aí sim, o sentido da pergunta do anjo se encaixa melhor: quando será o tempo – até então indefinido – da grande tribulação (T2)? Todavia, com Lopes “forçando” uma contextualização que junta visões distintas, parece que ele tenta “encaixar” T2 dentro de T1, ignorando a contradição lógica [*] que disso decorre (em T2 haverá angústia como nunca houve em T1).

9m08s – Nesse ponto Lopes afirma, referindo-se ao anticristo e citando Ap 13:7-8: “*E a Bíblia diz que todos irão adorá-lo. Todos ... exceto os que tem o selo de Deus. Em outras palavras: nenhum crente salvo pela graça vai seguir o anticristo, nesse tempo do fim*”.

Vamos analisar essa fala por partes. Sabemos que “**selo de Deus**” só ocorre na Bíblia em Ap 7, para marcar na testa os servos de Deus que naquele momento pertencem às tribos dos filhos de Israel, ali listadas por nomes históricos, e em Ap 9, para indicar a função protetora dessa marca durante eventos da 5ª trombeta.

Ao identificar os selados das tribos de Israel como os verdadeiros cristãos vivos na época, Lopes assume a teologia da Substituição ([Supersessionismo](#)). Mas o faz sem mencionar que existe doutrina alternativa entre as igrejas reformadas. E sem explicação ou justificativa possível para sua escolha, além de artifícios retóricos para tentar defletir incoerências na doutrina pós-tribulacionista. Talvez sem muito sucesso ou consistência, já que, tendo mantido esses cristãos na Terra ao tempo da 5ª trombeta em sua leitura de Ap 9 (quando o anticristo já teria alcançado poder absoluto), por Ap 13 esses cristãos não poderiam ainda estar aqui, já que Ap 13:8 descreve os adoradores da besta na ocasião como “*todos os que habitam sobre a terra*”.

10m08s – Nesse ponto Lopes afirma: “...A Bíblia descreve esse período como: o pouco tempo de satanás, a grande tribulação, o aparecimento do homem da iniquidade, e a grande apostasia. Todas essas expressões retratam o mesmo período, que é o período do levantamento do homem da iniquidade, ... e ao mesmo tempo vem essa tribulação sem paralelos”.

Temos então, sem mais rodeios, alinhavada aqui a tese de que o tempo T2 se encaixa dentro do tempo T1. Nesta fala Lopes a explicita, mas sem nenhum constrangimento pela contradição lógica [*], descrita no Quadro 1, a qual decorre de sua tese na própria passagem com a qual ele inicia sua pregação, Dn 12:1.

A Grande Tribulação ocorre durante o reinado absolutista do anticristo, e não durante sua ascensão em conquistas (Dn 7:24, 8:9, Ap 17:12-13). A abdicação do poder de dez reis em favor da besta, descrita em Ap 17:12, marca a passagem entre o período de sua ascensão e conquistas, e o período de reinado absolutista do anticristo; ou seja, de T1 para T2. Segundo essas leituras, é em T2, após T1, que ocorre a Grande Tribulação.

10m57s – “...Uma descrição do livramento do povo de Deus no verso 1 (Dn 12:1) ... ‘*naquele tempo, será salvo o teu povo*.’ ... está aqui o livramento. A igreja não vai ser recolhida antes da tribulação.”

Aqui, a simplista confusão entre os períodos de tempo T1 e T2 serve para Lopes reforçar sua tese T2-dentro-de-T1. Essa tese forçada é útil para sua hermenêutica, pois com ela T4 pode apontar para T2 (em vez de T1 somente) sem ferir a gramática em Dn 12:1, e encobrindo a contradição lógica [*] (descrita no Quadro 1). Ou seja, mais uma leitura “forçada” para que a passagem aqui citada (Dn 12:1b) endosse a tese pós-tribulacionista, situando o livramento do povo de Deus no tempo da Grande Tribulação.

Todavia, tal manobra depende também de outra confusão, esta de natureza semântica: o livramento revelado a Daniel em Dn 12:1b é para o povo dele, tendo sido registrado numa época em que a Igreja Cristã (extensiva aos gentios) ainda era um mistério. A passagem deve estar se referindo aos israelitas, como em outras passagens de Apocalipse, estas reveladas após a fundação da Igreja (~95 DC). Uma confusão que só parece superada com a adoção da teologia da Substituição, silenciosa e convenientemente presumida sem qualquer explicação ou justificativa ante alternativas, como o [Dispensacionalismo](#) e o [Pre-milenismo](#).

11m46s – Aqui Lopes, sem citar fonte alguma, diz: “No sermão profético de Jesus Cristo, os anjos vão recolher os santos de todos os quadrantes da terra. Todo aquele que foi regenerado pelo espírito santo ...”.

Esta fala executa uma manobra retórica, de omissão seletiva, que é velha conhecida no debate teológico pré- vs. pós-tribulacionismo. Uma manobra capciosa muito empregada em defesa do pós-tribulacionismo, cujo emprego só encontro para tal fim. Qual a gravidade desta omissão? Conclua por si: O Novo Testamento narra o sermão profético de Jesus em duas passagens, uma no livro de Mateus e outra no livro de Marcos. A “citação” implícita na fala de Lopes estaria então, podemos dizer, parafraseando uma delas. Qual delas?

E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. Mt 24:31 (ARA)

E Ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu. Mc 13:27 (ARA)

Se Lopes parafraseou o sermão profético narrado em Mt 24:31, o erro é crasso, e obviamente nada accidental: o de trocar “céus” por “terra”. E a omissão seletiva aí estaria na revisão do sermão no vídeo. Doutra feita, se pretendeu parafrasear a passagem correspondente em Mc 13:27, a omissão da expressão “*até à extremidade do céu*” terá sido, no mínimo, bizarra, para não dizer suspeita.

Qual seria o propósito da omitida varredura do céu, que só na passagem mais detalhada inclui também a Terra, se não houvesse cristão já arrebatado a ser encontrado pelos anjos no céu? Ao passo que, se já houvesse, o que impediria recém-convertidos ainda não degolados de estarem aguardando por aqui, ou alguns já arrebatados de estarem perambulando em seus corpos de glória pela Terra naquele momento-surpresa? Temos então, nessa fala, mais uma leitura “forçada” que só serve para endossar a doutrina pós-tribulacionista. E com uma manobra velhaca, se baseada em Marcos. Enfim, uma paráfrase capciosa e ambígua do Evangelho, com o condão de reter na Terra quem já era de Cristo quando da Grande Tribulação.

12m21s – “...O povo de Deus será poupado não **da** grande tribulação, mas **na** grande tribulação...”.

Aqui, sem qualquer citação ou explicação, Lopes contradiz Ap 3:10, notadamente as fontes em grego, que fazem uso redundante da preposição **ἐκ** com a mera função gramatical de reforçar a respectiva declinação verbal, registrando, assim, uma ênfase para corretas interpretações e traduções. A saber, no português, para a preposição “da”, e não “na”, conforme [explica enfaticamente](#) o teólogo helenista Lamartine Posella, e como é traduzido em todas as versões encontradas, em português e em inglês (“from”, e não “in”).

Ὅτι ἐτήρησας τὸν λόγον τῆς ὑπομονῆς μου, καὶ γὰρ σε τηρήσω **ἐκ** τῆς ὥρας τοῦ πειρασμοῦ, τῆς μελλούσης ἔρχεσθαι ἐπὶ τῆς οἰκουμένης ὅλης, πειράσαι τοὺς κατοικοῦντας ἐπὶ τῆς γῆς.

Ap 3:10, Texto Majoritário Bizantino

*Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei **da** hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra.* Ap 3:10 (ARA)

Justamente o oposto do que Lopes ensina. Cabe então refletir: por que esse reforço gramatical, com a preposição redundante **ἐκ**, nos registros originais dessa promessa de Deus? Não temos ainda como saber, mas podemos imaginar: talvez o Espírito Santo quisesse nos prevenir contra certos tipos de malabarismo retórico.

15m33s – A respeito de Dn 12:2, Lopes afirma: “... Na língua hebraica, onde você usa ‘muitos’ como símbolo de ‘todos’...” (referindo-se à passagem ‘...*E muitos que dormem no pó da terra ressuscitarão...*’)

Não há necessidade desse atropelado alegorismo para Lopes sustentar suas teses e suas doutrinas. “Muitos” aí não contradiz “todos” em Jo 5:28-29. Ou seja, o que Dn 12:2 diz literalmente (“muitos”) pode ser verdade sem contradizer Jo 5:28-29 que diz “todos”. Entretanto, isso pode não estar imediatamente claro devido a divergências entre traduções para Jo 5:28-29, que passamos a analisar.

*Não vos maravilheis disto, porque vem **a/uma** hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo.* Jo 5:28,29 (ARA/KJV)

Os originais em grego não têm artigo na posição amarela acima. As traduções ao inglês com viés literal optam por inserir o artigo indefinido, em “uma hora”, ao invés do artigo definido, em “a hora”, como preferem as traduções ao português. A opção por inserir o artigo indefinido (“uma hora”) sugere interpretarmos as duas ressurreições citadas como podendo ocorrer em momentos distintos, em concordância com Ap 20:5-13, se a primeira ressurreição for restrita aos que morreram em Cristo, na era de Sua igreja:

... Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos. Ap 20:6 (ARC)

Esta segunda morte sugere que haverá uma segunda ressurreição, para os não-salvos em Cristo, em momento diferente do da primeira (literalmente, mil anos depois), como indicam os dois versos anteriores:

... e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, ...; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Ap 20:4-5 (ARC)

Mas então, por que um anjo diz a Daniel que “muitos” dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, enquanto Jesus diz a João que serão “todos” os que se acham nos túmulos? Podemos estar diante de um mistério encoberto por Deus, sobre não-ressuscitáveis (p. ex., os *nephilim*), ou diante de alguma razão mais prosaica para essa diferença no pronome indefinido (“muitos” / “todos”). Resta-nos então investigar.

Começamos pela semântica: “muitos” cabe em “todos”. Isso afasta a contradição, mas não indica uma razão. Pode-se dormir no pó da terra fora de um túmulo (p. ex., os desaparecidos, os cremados). Isso pode ser uma razão, mas não condiz com a distinção em Ap 20:4-6, sobre quem irá para qual ressurreição. Pode ser porque, sendo Daniel bem anterior à 1ª vinda de Cristo, “todos” ao invés de “muitos” em Dn 12:2 suscitaria confusão e dúvidas sobre o status do povo israelita ante os gentios, à luz de sua (antiga) aliança com Yahveh.

De qualquer forma, qualquer das possíveis razões acima me soam mais plausíveis do que uma leitura forçada para impor uma única ressurreição, atropelando a semântica e alegorizando a esmo ante passagens correlatas a Dn 12:2, cujo único valor hermenêutico é defletir inconsistências na doutrina pós-tribulacionista.

18m30s – “Não tem essa ideia de que os salvos vão ter uma ressurreição primeira, e só depois os outros que não foram salvos terão uma segunda ressurreição, em outro período, Não! Quando Jesus voltar, os mortos vão ressuscitar, vão ouvir a sua voz, e vão sair do túmulo ...”.

Temos aqui óbvia contradição com Ap 20:5-6 conforme interpretado acima. Se haverá um só evento de ressurreição – uns para a vida, outros para o juízo –, Jo 5:28-29 ficaria mais claro se falasse explicitamente desse momento único, mas isso o grego original não diz. Um detalhe propositalmente encoberto por Deus?

Nas fontes em grego, Jo 5:28-29 fala de certa hora – sem “a” ou “uma” – em que todos que estiverem em túmulos ouvirão a voz do Cristo e sairão, e de dois tipos de ressurreição: um para a vida, e outro para juízo. Tipos distintos, que por isso não precisam ocorrer no mesmo momento (vide Ap 20). Mas o argumento apresentado contra tal leitura é apenas um implícito argumento de autoridade. O que é temerário para temas escatológicos e salvíficos (Tg 3:1), em vista de existirem doutrinas alternativas para esses temas, que podem estar encobertos para a glória de Deus e para a honra dos renomados que os investigarem. (Pv 25:2)

27m11s – Sobre Dn 12:7, Lopes afirma: “A grande questão é: o que é ‘*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*’? Alguns estudiosos da escatologia querem dizer que é três anos e meio, de grande tribulação. Mas essa é uma linguagem figurada. Nós não podemos pegar essa data aqui e literalizá-la. Isso é uma linguagem que representa todo o período da igreja cristã.”

Quem “literaliza” não é o leitor, é o escritor, ao registrar algo em forma de escrita (no caso, presume-se o próprio profeta Daniel). Ao leitor, cabe interpretar. E quem interpreta uma escrita como linguagem figurada é que deve se explicar: por que descarta a interpretação literal. Não é o que ocorre aqui. Uma regra sadia para interpretar a Bíblia é preferir a interpretação literal sempre que esta fizer sentido. Porém, se o propósito ao interpretar for o de sustentar doutrina preconcebida, tal regra hermenêutica pode atrapalhar. E se o intérprete tenta inverter a necessidade de se explicar, entende-se que assim ele revela implicitamente tal propósito.

Antes, comentando a fala em 7m41s, descrevemos a interpretação mais consistente para a pergunta do anjo em Dn 12:6: uma pergunta específica, sobre o tempo da Grande Tribulação (T2), respondida no verso seguinte com a expressão aqui analisada. Cabe então averiguar: para a palavra no original hebraico traduzida em Dn 12:7 por “tempo”, qual seria a leitura/tradução que daria mais sentido à resposta “*isso seria para um tempo, dois tempos e metade de um tempo*”? A original em hebraico, *mo'ed*, quer dizer: um tempo ou estação fixos; um festival específico; convencionalmente, um ano. Então, um ano literal faz aqui mais sentido.

Porém, aqui há resistência de Lopes a essa interpretação literal, sob mero argumento de autoridade. Mas neste caso, talvez por outra dessas precauções do Espírito Santo, não precisamos recorrer a mais erudição ou domínio do idioma grego para contra-argumentar. Como a própria Bíblia interpreta a Bíblia, temos a mesma expressão “*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*” ocorrendo em Ap 12:14, descrevendo ali o período de tempo que uma mulher vai ser sustentada no deserto, longe da vista da serpente, depois que o dragão for precipitado na Terra. Como poderia esse período ser igual ao de toda a existência da igreja cristã?

E outra: A duração dos eventos que cabem ser entendidos como da Grande Tribulação é definida, em outras passagens, em mais duas unidades de tempo: em meses e em dias. Especificamente, 42 meses, em Ap 11:2 e Ap 13:5, e 1260 dias, em Ap 11:3 e Ap 12:6. Faça a conta e veja que todas as três medidas coincidem se forem interpretadas literalmente. E que só coincidem entre si se forem assim interpretadas. Por que a Bíblia descreve essa duração em três medidas distintas que só coincidem literalmente? Seria para indicar que devam ser entendidas literalmente, já que são reveladas por um Deus que não é de confusão? (1Co 14:33)

27m35s – Ainda sobre Dn 12:7 (repetindo): “... o que é ‘*um tempo, dois tempos e metade de um tempo*’? ... Isso é uma linguagem que representa todo o período da igreja cristã”.

Essa interpretação é incompatível com o contexto da pergunta (em Dn 12:6) sendo aí respondida. A visão profética que descreve tal contexto, narrada entre Dn 11:2 e Dn 12:4, cobre o período que pode ir, no máximo, de quando Daniel recebe a profecia, até o final do reino milenar de Jesus na Terra, que inclui T2. O início desse período antecede em mais de 500 anos a fundação da Igreja, enquanto o final do período da Igreja, no arrebatamento, tem seu momento encoberto (1Ts 5:4, Ap 16:15) sendo por isso tema de debate entre doutrinas tribulacionistas. Tentar forçar, como aqui, a doutrina pós- introduz este tipo de inconsistência.

29m19s – “... ‘*e ele respondeu: vai Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim*’. O livro está escrito! Lembra lá de Apocalipse 5? ... e quando abre os selos vem a perseguição da igreja ...”.

Esta fala parece tentar associar o livro de Daniel ao livro mencionado em Ap 5, o qual está na sala do trono celestial de Deus. Independentemente disso, a perseguição que começa com a abertura do segundo selo do livro celeste é contra habitantes da Terra, indiscriminadamente até o quarto selo (Ap 6:2-8), e não contra a

Igreja *per se*, que deixa de ser mencionada a partir de Ap 4, para só ser mencionada depois ao concluir Jesus sua última revelação às Escrituras dizendo ‘*Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas*’ (Ap 22:16a). No contexto da passagem citada (abertura dos selos), a única referência a perseguidos por amarem a palavra de Deus, e darem testemunho disso, ocorre com a abertura do quinto selo, em Ap 6:9-11, mas sem mencionar a Igreja, com esses perseguidos e mortos depois indiretamente chamados apenas de “santos” em Ap 14:12-13, onde anjos proclamam o juízo de Deus, e em Ap 16:6, no derramar da sexta taça.

Mesmo assim, cabe indagar se os perseguidos citados em Ap 6:9-11 seriam membros de uma verdadeira Igreja Cristã contemporânea ao empoderamento do anticristo. Eis que em passagem seguinte, em Ap 7:13-14, encontramos resposta. Uma resposta explícita, devido às ‘vestiduras brancas’ (vestidas em Ap 6:9-11).

Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, Ap 7:13-14 (ARA)

Então, se a profecia em Ap 6 e 7 vai mesmo se cumprir, das duas, três:

- (1) Ou a verdadeira Igreja de Cristo vai passar pela Grande Tribulação, sem ninguém dela receber o selo de Deus (ao contrário do que Lopes afirma em 9m08s), em cujo caso não vai sobrar ninguém para ser arrebatado quando Jesus voltar;
- (2) Ou a verdadeira Igreja vai passar pela Grande Tribulação, mas só com alguns crentes recebendo o selo de Deus (para se livrarem da perseguição aos demais, conforme Ap 6:9-11 e 7:13-14), em cujo caso nada se sabe sobre os critérios para se receber ou não este selo;
- (3) Ou a verdadeira igreja não vai passar pela Grande Tribulação, por ter sido arrebatada antes, em cujo caso os crentes perseguidos em Ap 6:9-11 e 7:13-14 são os santificados que terão se convertido depois do arrebatamento. Com o selo de Deus protegendo servos de Deus literalmente das tribos de Israel, podemos supor, para que haja alguém que possa evangelizar nesse período T2.

Ao longo desse sermão, Lopes repetidamente descarta (3), e ignora as consequências teológicas de (2), junto com as contradições decorrentes de (1), enquanto parece surfar num limbo (teo)lógico entre (1) e (2).

30m17s – “... Escatologia não é para especulação. Tem muita gente que discute o tempo do fim, quando na verdade o que a igreja precisa é se preparar para o tempo do fim”.

Finalmente, um ataque *ad hominem* indireto (aos honrados em Pv 25:2). Também, pudera! Com tal fragilidade analítica, quem se sentiria à vontade expondo sua verve teológica à discussão pública? Mas é melhor deixar a própria Bíblia comentar (ou responder) aqui. Vamos então ao início do livro da Bíblia que é escatológico por excelência, e ver o que ele diz a respeito:

Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Ap 1:3 (ACF)

Tendo as palavras da profecia sido lidas e/ou ouvidas, como guardar as coisas nelas registradas? Bem-aventurado não é quem decora as palavras, é quem guarda as coisas que elas registram. Como então reter tais coisas sem esforço cognitivo e sem trabalho interpretativo? E como fazer isso sem interagir com quem já o fez? Como dialogar sobre essas coisas, para aprender, sem o risco de divergir? Confesso que não sei. Se o sentido da dita “especulação” for o da ação interpretativa a esmo, sem base, compreendo. Mas será este o sentido que Lopes intenta aqui? Ou seria um artifício para defletir questionamentos a suas teses e doutrinas?

Esta fala de Lopes insinua que a discussão sobre temas escatológicos, e a preparação para tempos vindouros angustiantes, seriam ações excludentes. Mas não entendo assim. Entendo que a primeira pode contribuir para a segunda, conforme conselhos bíblicos como o já citado em Provérbios, e outro em Mateus:

A glória de Deus está nas coisas encobertas; mas a honra dos reis, está em descobri-las. Pv 25:2 (ACF)

Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Mt 22:29 (ACF)

Se, no reino dos céus, seremos feitos reis e sacerdotes para Deus (Ap 1:6), o treino para isso deve incluir, segundo o conselho em Pv 25:2, investigação da Sua palavra. Não só para guardar as coisas escritas no livro de Apocalipse, mas também para seguir o exemplo dos Bereanos, que Paulo endossa (em At 17:11). E para não errarmos o caminho, por conselho do próprio Jesus. Doutra feita, censurar ou desqualificar o debate escatológico serve mesmo é para encobrir falhas em doutrinas teológicas mal construídas ou mal motivadas.

31m19s – “... *A perseguição, em vez de destruir a igreja, vai purificar a igreja. Olha o verso 12:10 comigo ...*”.

Aqui, entra uma confusão entre a Igreja dos verdadeiros crentes até o momento do arrebatamento, e os convertidos que aceitarem e testemunharem o evangelho de Jesus depois disso, os quais são depois indiretamente chamados de “santos”. Confusão esta que é “obrigatória” ao suporte da doutrina pós-tribulacionista. Extrair tal confusão de profecia revelada em época na qual a igreja ainda era mistério (Ef 3:8-9), forma um elo para argumentos circulares, que só servem para encobrir inconsistências nessa doutrina. Uma leitura atenta de Dn 12 dará pista disso, onde a censura desonesta ao debate escatológico é conotada:

“... E ele [anjo] disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. ... Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão. Dn 12:9,10 (ACF)

33m23s – Referindo-se a Dn 12:12: “... ‘*Bem-aventurado o que espera e chega até 1335 dias*’ são termos figurados para descrever, ao longo da história; mas a igreja vai tendo paciência ...”.

Outra tentativa de alegorização descontextualizante sem nenhum suporte bíblico. Sem base, por exemplo, em alguma contradição consequente à interpretação literal desses 1335 dias, seja com algum preceito lógico ou com outra passagem na Bíblia. Não obstante, mais uma alegorização a esmo que serve para encobrir falhas ou questionamentos ainda irrespondíveis na doutrina pós-tribulacionista.

A igreja vai tendo paciência com muita coisa, mas a minha, com desonestidade intelectual, tem limites. Meus comentários sobre esse vídeo terminam aqui, concluindo que, infelizmente, esse sermão não será a primeira apresentação que encontro em defesa da doutrina pós-tribulacionista que seja constituída por embasamento bíblico coerente e consistente, livre de duvidosos subterfúgios.

Brasília, 19 de maio de 2021

Pedro Antonio Dourado de Rezende

Uma homenagem ao meu querido pai na terra, [Joffre Marcondes de Rezende](#);
Um grande estudioso das linguagens humanas, e exemplo de bom caráter,
que nesta data completaria 100 anos se ainda estivesse entre nós.

[Versão revisada em 31/03/2025]